

PATHOS E POLÍTICA NA ARGENTINA KIRCHNERISTA: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS EMOÇÕES NOS DISCURSOS POLÍTICOS

Mariano Dagattiⁱ

Resumo: Este artigo tem como objetivo indagar a relevância da dimensão passional na configuração de subjetividades políticas na Argentina na última década. O caso em estudo é a oratória do líder argentino Néstor Kirchner, na sua condição de Presidente da Nação e de chefe do Partido Justicialista. Interessados na relação entre emoções, imaginários sociais e política, abordamos as emoções dos discursos kirchneristas em duas instâncias da política nacional recente: a construção de legitimidade política durante o primeiro ano do governo Kirchner e durante o chamado “conflito com o campo”. Consideramos o papel respectivo de duas tópicas das emoções: a tópica da “refundação”, que interpreta a ascensão do novo governo como uma ruptura radical com a experiência neoliberal, e a tópica “nacional e popular”, que codifica as interpretações de uma medida impositiva em termos de uma reedição da histórica luta entre os interesses do povo e os interesses da oligarquia. Os resultados permitem perceber a importância das paixões na consolidação de dinâmicas de identificação.

Palavras-chave: Discurso político. Kirchnerismo. Pathos. Tópico de emoção.

Abstract: This article aims to investigate the relevance of the emotional dimension in shaping political subjectivities in Argentina in the last decade. The case study is the oratory of the Argentine leader Néstor Kirchner as President of the Nation and as the head of the Justicialist Party. Interested in the relationship between emotions, social imaginary and politics, we take into consideration the emotions of the Kirchner's addresses in two instances of recent national policy: the construction of political legitimacy in his first year as President and during the so called “conflict with the farming sectors”. We consider the respective roles of two emotional topics: the “refunding” topic, which translate the arrival of a new government as a radical break with the neoliberal experience, and “national and popular” topic, which encodes a tax measure in terms of a repetition of the historic struggle between the interests of the people and the interests of the oligarchy. The results point to the importance of passion in building identification's dynamics.

Keywords: Political discourse. Kirchnerism. Pathos. Emotional topic.

ⁱ Docente da Universidade de Buenos Aires (UBA) e bolsista do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET), Argentina. E-mail: mjdagat@yahoo.com.ar.

Introdução

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de doutorado em andamento a respeito das imagens de si e da paixão em discursos públicos do ex-presidente argentino Néstor Kirchner¹. O objetivo geral é indagar a relevância das emoções na configuração das subjetividades políticas. Como tal, pretende contribuir, de uma perspectiva retórico-argumentativa, para um estudo dos discursos políticos que considere o papel das emoções na construção da interface entre as esferas política e social.

A proposta específica de este texto consiste, nesta perspectiva, em contribuir para as pesquisas no âmbito do discurso político a partir do estudo das tópicas das paixões nos discursos de Kirchner. O objetivo de longo alcance é delinear a possível relação entre emoções, representações sociais e política na Argentina da última década.

Breves considerações sobre o conceito de *pathos*

A problemática da paixão tem ocupado um lugar central na retórica desde os primeiros tratados gregos e latinos.² Mais, de Corax até hoje, a história da Retórica é, segundo G. Genette, a de “uma restrição generalizada” (1970, p. 203-204); considerada “monstruosa” e pecaminosa, uma “guerra às emoções”, segundo a sintética expressão de Plantin (2011), seria paralela à redução ornamental da técnica.

Atualmente, apesar da persistência de uma condenação das paixões, seja na defesa de uma comunicação transparente e racional ou mesmo como uma crítica da manipulação e do engano, diferentes autores dentro da análise do discurso francófono reivindicaram o poder heurístico das emoções para compreender os fenômenos socioculturais da atualidade. As obras de R. Amossy (2000), M. Meyer (2009), M. Rinn (2008), P. Charaudeau (2006) e C. Plantin (2011) são exemplos desse interesse renovado.

Sendo por si mesmas consideradas “pós-perelmanianas”, estas tendências analíticas voltam sobre as grandes orientações anunciadas pela teoria da argumentação da Nova Retórica com um enfoque no qual a

¹ O artigo parte do postulado retórico de que todo discurso persuasivo, incluindo o discurso político, precisa convencer e comover o seu público, uma vez que a via intelectual não é suficiente para desencadear a ação. Ver, a esse respeito, Plantin (2011).

² Ver, por exemplo, Aristóteles (2005), Cicerón (1991) e Quintiliano (1942).

dimensão subjetiva e emocional da retórica antiga é filtrada pelos princípios da teoria da enunciação desenvolvidos por É. Benveniste, as contribuições para o estudo das interações verbais e a Análise do Discurso em suas versões contemporâneas.³ Defendem, nesse sentido, a inter-relação entre paixão e razão e postulam que, no discurso comum, uma e outra são inseparáveis. A emoção, como a razão, torna-se assim produto do discurso: a razão e a emoção são dirigidas pelas mesmas palavras e pelos mesmos argumentos.

A noção de *pathos*⁴ engloba, no contexto desta perspectiva retórico-argumentativa, a preocupação com o desenho da emoção no e pelo discurso. Segundo ela, uma aproximação metodológica implica um modelo de três vias que combina operativamente emoção dita e emoção mostrada, sendo esta última, por sua vez, o resultado de fenômenos corporais evidentes e de formatações narrativo-descritivas indutoras.

As tópicas, como poderá ser confirmado no estudo de caso, intervêm notoriamente nestes processos de formatação, proporcionando estruturas narrativas mais ou menos invariáveis que tendem a codificar como emotiva uma situação qualquer. Convém, antes de avançar nos argumentos, distinguir três planos operacionais do formato: o de tópica, o de tópico e o de motivo.

“Tópica de paixão” define neste artigo um fluxo constante de tipos de entimemas e micro relatos que faz parte de um quadro argumentativo e narrativo recorrente e designa uma forma específica de decifrar aquilo que será designado como “o social”. Sua especificidade cognitiva é dada pela articulação de lugares emotivos comuns que tendem a uma organização esquemática do campo social.

Entrelaçados na tópica de paixão, os tópicos de emoção asseguram a coerência do discurso emocional. São índices indiretos da emoção, “inferências *dedutivas* a partir de situações-tipo” (EGGS, 2008, p. 43), que provocam certo tipo de reação afetiva em uma dada cultura, no interior de um contato discursivo específico. Correspondem ao que, de acordo com o que foi

³ Ver Amossy & Koren (2002).

⁴ Em *Les bonnes raisons des émotions*, C. Plantin justifica, depois de erudito histórico de noções, por que prefere utilizar o termo “emoção” em vez de termos como paixão, *pathos*, humor, afeto, sentimento, *éprouvé*: dá acesso a uma gama completa de derivados semanticamente homogêneos que, em conjunto, formam “uma bela família conceitualmente aproveitável” (2011, p. 13). Ainda que concordemos com a pertinência conceitual desta distinção, neste artigo os termos são usados indistintamente.

mostrado nos parágrafos anteriores, C. Plantin chama de “*sinais de entrada*” da emoção: os traços que informam a situação sob um formato narrativo-descritivo adequado para induzir emoções.⁵ Entre seus invariantes, P. Charaudeau (2008, 2009) distingue três atos retórico-argumentativos: a denúncia de uma situação de decadência ou injustiça da qual a sociedade é vítima; a designação de uma fonte do mal, que acabará por definir o espaço dos adversários, e a proposta de uma solução cuja garantia é a força política do locutor, ou ele mesmo. Estes três atos, topicamente estruturados, desenvolvem uma estratégia discursiva “dramática”, resultante da oposição a um adversário político, do estabelecimento de uma força ou um líder incontestável e da exaltação dos valores de idealidade que funcionam como um horizonte normativo das expectativas sociais.

Os motivos, unidades mínimas dos tópicos, organizam inicialmente a representação discursiva de uma situação, uma pessoa ou uma coisa, a partir de questões como a ocasião, o ator responsável, o objetivo, o destinatário, o canal, o resultado, os usos. Passagem para um nível superior, esta primeira codificação é estabilizada em invariantes, os tópicos, que servem como interface “estruturante” entre a representação inicial e a estabilidade hermenêutica das tópicas de paixão.

Agora é o momento de examinar estes níveis em termos de uma tópica das emoções e de torná-los operacionais em relação à problemática do discurso político argentino.

Da refundação à luta nacional e popular: as tópicas das emoções na oratória de Néstor Kirchner

No contexto de referência caracterizado por uma preocupação crescente a respeito da problemática colocada em cena,⁶ a questão das paixões tem sido uma das dimensões de abordagem do discurso político argentino contemporâneo, em especial do kirchnerista. Embora limitada em comparação com o abundante material dedicado a outras de suas facetas,

⁵ Quando C. Plantin (2011) define os tópicos das emoções, inclui as duas vias indiretas das emoções ou *pathemas*. Neste texto, “tópico das emociones”, recuperando a distinção de Eggs, define estritamente os “sinais de entrada”, distintas de uma semiótica das paixões ou “sinais de saída”.

⁶ Ver, especialmente, Amossy & Koren (2002), Charaudeau (2006), Rinn (2008), Meyer (2009) e Eggs (2011).

inclusive no domínio da retórica e da análise do discurso,⁷ a produção específica acerca das emoções no kirchnerismo apresenta alguns antecedentes: Vitale (2013), Bitonte (2010), Romano (2010), Maizels (2012). Centrados em sua maioria nas presidências de Cristina Fernández de Kirchner, são escassas as indagações que tomam por objeto, ainda que seja de forma tangencial, o fenômeno do *pathos* na figura de Néstor Kirchner; entre elas, Montero (2012) e Dagatti (2013).

Este artigo realiza, de todas as possíveis abordagens discursivas da dimensão passional, um estudo das tópicas das paixões dos discursos do ex-presidente Kirchner⁸. Para isso, leva em conta as estruturas argumentativas e narrativas que organizam os discursos de Kirchner em duas instâncias de sua atuação política: a construção de legitimidade política durante o início de sua presidência e durante o denominado “conflito com o campo”.

“Presidente inesperado”, como o definiu J. Natanson (2004), Kirchner assumiu a presidência da República Argentina, em 25 de maio de 2003, com uma porcentagem apenas superior a 22% do sufrágio nas eleições nacionais marcadas por uma grande dispersão de votos. Com a sombra ainda recente da agitação social de dezembro de 2001 e em meio a uma crise institucional sem antecedentes, Kirchner assumiu o cargo com a tarefa de reverter as principais consequências políticas, econômicas e culturais do modelo neoliberal. A legitimidade limitada do novo governo, somada à situação de pós-crise, confrontava Kirchner com o problema da governabilidade, na necessidade de conseguir um consenso *a posteriori*. Menos de um ano depois, o presidente superava 70% de imagem positiva.

O segundo período crítico da atuação política de Kirchner esteve vinculado à instância de crise de legitimidade no início da presidência de sua esposa Cristina Fernández, de março de 2008 até julho de 2009, devido às consequências do “conflito com o campo”. Tal conflito teve como epicentro a rejeição dos setores agrícolas e pecuários do país quanto à implementação de

⁷ Ver Montero (2011), Maizels (2012), Vitale (2013).

⁸ Esta proposta não desconsidera a importância de outras vias de marcação, sejam estas diretas, como a emoção declarada, ou indiretas, como uma semiótica do corpo; tampouco desconhece a importância de outras categorias possíveis de abordagem como o estudo das figuras ou o estudo das cenografias e as cenas validadas. Trabalhos posteriores terão por tarefa avançar em outros modos de abordagem da “dimensão passional”, entre os quais o estudo da subjetividade na linguagem (*ethos*, coletivos de identificação, índices de discurso) e o estudo do corpo serão aspectos primordiais.

um esquema de retenções móveis para cultivos, decretado pelo governo nacional através da Resolução n.º 125, de 11 de março de 2008. Esta rejeição se traduziu em um movimento de resistência social e política de uma magnitude surpreendente inclusive para os próprios atores envolvidos. Foi considerado unanimemente como o acontecimento político do ano.⁹ O conflito questionou as condições de governabilidade da presidência de Fernández que, no entanto, tinha sido eleita um semestre antes por uma ampla diferença de votos, em grande parte como resultado da avaliação social favorável do governo de Néstor Kirchner. Ao longo de todo este período, o ex-presidente ocupou o cargo de presidente do PJ, renunciando em 29 de junho de 2009, como resultado de sua derrota nas eleições legislativas.

A análise dos discursos kirchneristas¹⁰ permite pesquisar a presença em cada um destes períodos de uma tópica das paixões dominante, tendo em conta sua divisão em tópicos e motivos argumentativos recorrentes. Duas séries discursivas serão tomadas, uma para cada uma das instâncias; elas foram escolhidas porque sintetizam significativamente esquemas e lugares comuns que atravessam o *corpus* do trabalho¹¹. A primeira destas séries é integrada pelos primeiros vinte discursos de Kirchner como presidente, entre eles o discurso de assunção ao cargo, pronunciado em 25 de maio de 2003 perante o Congresso da Nação. A segunda série compreende os oito discursos oferecidos pelo líder durante o “conflito com o campo”, entre eles o discurso na Plaza de los Dos Congresos, realizado em 15 de julho de 2008 e considerado seu discurso mais relevante no contexto da disputa.

A hipótese de trabalho é que os discursos públicos de Kirchner colocam em cena, em cada uma destas duas instâncias, diferentes tópicos das paixões. A primeira destas tópicos será denominada “tópica da refundação”. É a encarregada de interpretar o princípio do governo de Kirchner sob um formato narrativo-descritivo de emotividade romântica, ligado ao tom radical

⁹ Ver, a este respeito, Giarracca & Teubal (2010) e Aronskind; Vommaro (2010).

¹⁰ Quando se fala neste texto de “discurso kirchnerista”, faz-se referência exclusivamente aos discursos de Néstor Kirchner e não aos de Cristina Fernández, nem aos de seus legisladores, funcionários e prosélitos.

¹¹ Este *corpus* é formado pela totalidade dos discursos de Kirchner durante seu primeiro ano de governo e pela totalidade de seus discursos durante seu cargo como presidente do PJ. No primeiro ano do primeiro dos cargos, ele pronunciou um total aproximado de duzentos discursos, enquanto que em sua condição de chefe do PJ pronunciou cerca de sessenta.

da mudança de época. A segunda tópica pode ser denominada “tópica nacional e popular”, apelando a uma fórmula estabilizada na construção de tradições políticas. Constitui uma rede de interpretação do enfrentamento entre o governo de Kirchner e um setor da sociedade, o setor agropecuário, sob a forma de uma luta histórica repetida entre as forças “nacionais e populares” e as forças consideradas “anti-solidárias e oligárquicas”.

Estas tópicas das paixões organizam a hermenêutica de cada conjuntura histórica a partir de um dispositivo de emotividade, que tende a gerar legitimidade política através da busca de mobilização das emoções do conjunto social. A variação destas tópicas sugere a relevância da representação discursiva das emoções no momento de construir legitimidade governamental e na hora de gerar processos de adesão política.

A narrativa refundacional, ou de como um novo governo significa um novo país

Os novos governos em geral tentam encarnar uma ruptura com o projeto dos governos anteriores, ao mesmo tempo em que prometem um futuro venturoso, subordinado ao êxito do próprio programa. “Ânimo refundacional”, “regeracionismo”, “fronteira” foram alguns dos termos utilizados para designar este fenômeno.¹² O gesto “refundacional” do ex-presidente Kirchner indica que seu governo não foi uma exceção.

Elemento principal desta dobradiça simbólica, a tópica da refundação organiza o relato da assunção presidencial de Kirchner como um marco na saga dos grandes momentos pátrios: as revoluções independentistas, a chegada e o assentamento das ondas imigratórias, o peronismo clássico, as lutas da militância juvenil dos anos setenta. A força governante, segundo esta autorrepresentação, viria pôr fim à etapa neoliberal em favor de um projeto nacional e democrático.

Esta narração constitui uma dimensão inerente ao “mundo ético” (MAINGUENEAU, 2008) do novo governo. Vale a pena observar, em primeiro

¹² Entre os trabalhos sobre o ânimo fundacional dos discursos políticos argentinos, ver Aboy Carlés (2001), Botana (2006) e Zoppi-Fontana (1993).

lugar, como o presidente interpreta em seu discurso de assunção frente à Assembleia Legislativa sua eleição ao cargo¹³:

Em 27 de abril, as cidadãs e os cidadãos de nossa pátria, em exercício da soberania popular, optaram pelo avanço decidido em direção ao novo, virar uma página da história (25 de maio de 2003).

O povo escolheu uma forte opção pelo futuro e pela mudança. No nível de participação daquela jornada se adverte que pensando diferente e respeitando as diversidades, a imensa e absoluta maioria dos argentinos querem o mesmo, ainda que pensem diferente (25 de maio de 2003).

Os motivos¹⁴ organizam inicialmente a representação discursiva da situação da seguinte maneira. No primeiro fragmento, “as cidadãs e os cidadãos de nossa pátria” (quem?) elegeram (compromete-se a fazer o que?) um novo governo (para quem?) por meio do voto (por qual meio?), conseguindo “um avanço decidido em direção ao novo”, “virar uma página da história” (com que resultado?). O segundo fragmento apresenta motivos parecidos, mesmo que inclua o orador no coletivo de identificação “nós, os argentinos”: “o povo”, “a imensa e absoluta maioria dos argentinos” (quem?) elegeu (compromete-se a fazer o que?) um novo governo (para quem?) por meio do voto (por qual meio?), escolhendo “uma forte opção pelo futuro e pela mudança” (com que resultado?).

Esta organização primária da situação apresenta a assunção do governo eleito como o resultado da expressão do desejo de mudança de uma imensa maioria da sociedade argentina. A ausência textual do novo governo como destinatário, que se subentende, porém não se explicita, assim como o contraste entre a porcentagem eleitoral realmente obtida (22%) e a representação de uma vontade que se considera “imensa e absoluta” manifestam uma primeira transformação simbólica: a assunção do governo kirchnerista é interpretada como “uma forte opção pelo futuro e pela mudança”, “um avanço decidido em direção ao novo”, e inclusive como um marco histórico: “virar uma página da história”.

Nos primeiros discursos, a rede de codificação das eleições apresenta um já formato que se manterá estável: “os argentinos” têm um desejo

¹³ Todas as citações dos discursos de Néstor Kirchner como presidente argentino que integram este artigo foram extraídas entre abril e maio de 2008 do portal web da Presidência da Argentina: <http://www.presidencia.gob.ar/discursos>.

¹⁴ Ver a referência conceptual em Beristáin (1995)

comum; desprendimento desse coletivo (“a imensa e absoluta maioria dos argentinos quer o mesmo”), o governo tem a obrigação institucional de expressar essa sensação coletiva em um programa ou projeto. Veja um terceiro fragmento:

Pensamos o mundo em argentino, desde um modelo próprio. Este projeto nacional que expressamos convoca a todos e a cada um dos cidadãos argentinos e por cima e por fora dos alinhamentos partidários a pôr a mão na massa neste trabalho de refundar a pátria (25 de maio de 2003).

Com esta citação em vista, é fácil advertir que os motivos que organizam a representação do sufrágio e, *a fortiori*, do papel do governo como destinatário de uma vontade popular se estruturam em torno de certas invariantes tópicas: o governo eleito é a expressão de um “projeto nacional” que pensa “o mundo em argentino”. Destinatário na ordem inicial, é o sujeito destinador de uma convocatória a “todos e a cada um dos cidadãos argentinos” que é realizada em nome da nação.

Ou seja: o povo, de acordo com este relato, elegeu um novo governo para conseguir uma “mudança”; o governo eleito convoca, então, o povo para alcançá-la: “a pôr a mão na massa deste trabalho de recriar a pátria”. Noções como sufrágio, governo, mudança, povo se articulam em torno do esqueleto narrativo da refundação. É esta a matriz que ordena no *corpus* as invariantes tópicas. Observa-se:

Eu sei que estamos do subsolo para baixo, mas eu também sei que somos argentinos, que somos homens desta parte da América, desta querida América Latina, que temos muita fé, muita convicção espiritual e sabemos que com otimismo, trabalho e vocação, vamos reconstruindo a Argentina cheia de carências, muitíssimas necessidades, mas temos dois caminhos [...] ou baixar os braços definitivamente ou render-nos aos planos da ortodoxia neoliberal, ou reconstruir um país plural para todos os argentinos. Eu quero optar por este espaço, um país com pluralidade que possa conter todos os argentinos e argentinas (3 de junho de 2003).

Estou convencido de que se trabalharmos, se nos esforçarmos, se colocarmos transparência em todos os nossos procedimentos vamos construir uma nova Argentina. Sempre querem nos fazer acreditar que não podemos, sempre querem nos fazer acreditar que as únicas receitas que temos são as que nos têm punidos durante estes últimos 10 anos, nesta última década; nós, os argentinos, temos que ser transgressores e determinados e temos que provar a todas aquelas escolas econômicas, a todos aqueles diagnosticadores da realidade, que com a prepotência do esforço, do trabalho e da honestidade vamos fazer uma nova Argentina, doa a quem doer vamos pô-la em andamento (12 de junho 2003).

Até aqui, as invariantes tópicas não foram discriminadas, com exceção do governo, que aparece como expressão da escolha popular e plural e do projeto nacional, como responsável por levar adiante a mudança, a refundação. Os dois fragmentos permitem compor um quadro tópico comum, completar o cenário. Em primeiro lugar, a denúncia de uma situação de decadência: “estamos do subsolo para baixo”, “a Argentina cheia de carências, muitíssimas necessidades”. Esta situação assola todo o país, por isso o uso, em um caso, de um coletivo de identificação nacional (“estamos...”) e, em outro, do meta-coletivo “Argentina”. A imagem dos “braços caídos definitivamente” reforça a “paisagem” situacional por via semiótica de emoção, informando sobre os modos de comportamento característicos de um conjunto social que experimenta uma emoção particular: neste caso, a tristeza ou o desânimo.

A fonte do mal é explícita: em termos gerais, “a ortodoxia neoliberal”, de forma desagregada, “todas aquelas escolas econômicas”, “todos os diagnosticadores da realidade”, ou atendendo às consequências: “[as receitas] que nos puniram...”. A referência temporal (“estes últimos 10 anos”) revela quem são os contra-destinatários dos discursos presidenciais, aqueles que “Sempre querem nos fazer acreditar...”. Por fim, a colocação em cena de uma identidade própria permite o contraste com a fonte maligna: a recorrência de coletivos de identificação nacionais se manifesta no plano da enunciação (“sabemos..., vamos..., temos”) e no plano do enunciado (“somos argentinos..., nós, os argentinos, temos que...”).

Situação de decadência, o mal neoliberal, reivindicação da identidade nacional (“sei que somos argentinos...”); as três invariantes tópicas se unem em torno de uma ideia de refundação: “construir uma nova Argentina”, “reconstruir um país plural”, “vamos reconstruindo a Argentina”. Esta ideia redundante também em um horizonte de idealidade social: “um país com pluralidade que possa conter todos os argentinos e argentinas”. Três estratégias retóricas se tornam recorrentes para expressar a instância de mudança que o tópico organiza: figuras de substituição como a metáfora ou a alegoria (“virar uma página da história”, “vamos pô-la em andamento”, “refundar”, “reconstruir”) e a disjunção (“ou baixar os braços... ou render-nos... ou reconstruir...”).

Os fragmentos precedentes sugerem um novo elemento a considerar: o horizonte de idealidade social se mostra marcado pela existência de uma semântica ou isotopia¹⁵ da “reconstrução”:

Nós queremos uma Argentina integrada e solidária, nós realmente queremos demonstrar a nós mesmos, demonstrar a todos os argentinos e ao mundo inteiro que este país pode voltar a reconstruir-se, que nesta Argentina podemos recuperar os valores perdidos, que nesta Argentina podemos recuperar as correntes da solidariedade, que nesta Argentina podemos recuperar as instituições, que nesta Argentina podemos recuperar a equidade, a justiça e a dignidade perdida por muitas razões. Perdida porque é um país que foi se construindo há 30 anos a partir do ponto de vista econômico, com um quadro estrutural absolutamente injusto [...] (27 de junho 2003).

Esta semântica da reconstrução indica uma dimensão do tópico da reconstrução que ainda não foi mencionado: o da refundação como repetição de um tempo mítico, idealizado. A sequência de indícios semânticos “reconstrutivos” que atravessa o fragmento – e mais em geral o *corpus*: “voltar a reconstruir”, “recuperar os valores”, “recuperar as correntes...”, unida pelo recurso da anáfora (“nesta Argentina podemos recuperar... nesta Argentina...”), sugere que o desejo de mudança é interpretado não apenas em termos de uma ruptura com o passado imediato, senão também nos de um retorno a um passado mediato. A metáfora da “perda” acentua esta conjectura; a indicação temporal da dobradiça (“há 30 anos”) a confirma.

A presença dos “passados” como assunto favorito de uma reflexão sobre o futuro nos discursos presidenciais abre o jogo para a conexão entre o tópico da refundação e a tópica como um quadro argumentativo e narrativo recorrente. A análise da codificação kirchnerista das eleições permitiu extrair um esquema de motivos que, em síntese, pode ser definido como: “o povo votou pela mudança”. Essa interpretação inicial se inscreve, em um segundo nível, em um tópico de refundação, que oferece quatro invariantes: uma situação de crise, o neoliberalismo como fonte do mal, o novo governo como a personificação das aspirações de mudança e um horizonte de bem-estar regulado por um projeto nacional. A presença de uma isotopia de reconstrução, no entanto, sugeria que esse horizonte de idealidade social era

¹⁵ Por “isotopia”, A. J. Greimas entende “cada linha temática ou cada linha de *significação* que se desenvolve dentro do mesmo desenvolvimento do *discurso*; resulta da *redundância* ou *iteração* dos *semas* radicados em distintos *sememas* do *enunciado*, e produz a continuidade temática ou a homogeneidade semântica deste, sua coerência” (BERISTÁIN, 1995, p. 285ss.).

definido pela crítica do passado neoliberal, mas também pela memória de um passado mediato de sinal positivo. O uso da memória coletiva, então, como reservatório social de lugares comuns implícitos que acentuam o efeito de evidência social, permite estabelecer um novo salto de escala. Os dois fragmentos a seguir permitirão lançar luz a este respeito:

Venho, em troca, propor-lhes um sonho: reconstruir nossa própria identidade como povo e como Nação; venho propor-lhes um sonho que é a construção da verdade e da Justiça; venho propor-lhes um sonho que é de voltar a ter uma Argentina com todos e para todos. Venho propor-lhes que nos lembremos dos sonhos de nossos fundadores patriotas e dos nossos avós imigrantes e pioneiros, da nossa geração que colocou tudo e deixou tudo pensando em um país de iguais. Mas eu sei e estou convencido de que nesta simbiose histórica encontraremos o país que os argentinos merecem. [...] Almejo que por estes caminhos se levante sobre a face da Terra uma nova e gloriosa Nação: a nossa (25 de maio 2003).

Amo, como vocês, a Pátria, e amo a nossa bandeira. [...] amar a nossa bandeira é seguir fazendo crescer essa bandeira que está ali, para que a bandeira da Pátria cubra todos os argentinos e argentinas sem exceção, para que voltemos a ter uma Argentina que nos contenha a todos.[...] Amar a nossa bandeira é acabar definitivamente com a mesquinhez da luta política curta, para voltar a refundar nossa querida Pátria e honrar nossos avós, nossos pioneiros, nossos patriotas e todos aqueles que deixaram e deram sua vida para consolidar uma Argentina com justiça e equidade (20 de junho de 2003).

“Refundar nossa querida pátria”: o tópico se repete, inclusive apostando em metáforas e voltas de tom épico-romântico (“se levante sobre a face da Terra...”). A refundação se destaca sobre um fundo de idealidade social, notoriamente guiada por uma ideia de nação, e expressada na noção dos “sonhos” e em fórmulas do tipo “que a bandeira da Pátria cubra...”, “voltemos a ter uma Argentina... que contenha a nós todos...”, “uma Argentina com justiça e equidade”, “uma Argentina com todos e para todos”.

A idealidade social se desenha sobre o quadro de uma semântica da reconstrução: “reconstruir”, “voltar a ter...”, “voltemos a ter”. Mais importante ainda: a idealidade e a reconstrução permitem observar a filiação do orador em uma saga pátria que constitui seu legado identitário: “lembramos dos sonhos de nossos fundadores patriotas e de nossos avós imigrantes e pioneiros, de nossa geração”; ou também: “voltar a refundar nossa querida Pátria e honrar os nossos avós, nossos pioneiros, nossos patriotas e todos aqueles que deixaram e deram suas vidas”.

Seja na forma dos sonhos ou da honra, o horizonte de idealidade se manifesta na perspectiva de um “sonho de nação comum” que enlaça em uma mesma sequência onírica os patriotas, os pioneiros, a geração dos anos setenta e o novo governo. A recorrência da anáfora como uma figura de repetição que baseia a saga enfatiza ainda mais o fato de que o governo Kirchner procura definir sua identidade política a partir da evocação de certas tradições e correntes de pensamento. Além disso, a perspectiva geracional, que é o último elo entre a tradição de “sonho de nação comum” e o governo atual, é central: os anos setenta, anos que condensam na oratória presidencial a passagem de “uma Argentina integrada e solidária” para uma Argentina com “a equidade, a justiça e a dignidade perdida” representam também o tempo de uma geração postergada que volta hoje a retomar os “sonhos” perdidos. Anos emblemáticos, que também representam a dobradiça entre um passado celebrado, transformado em perspectiva de idealidade, e um passado repudiado, que sintetiza o espírito neoliberal dos adversários. Geração e mudança, então, expressam uma mesma instância de refundação:

Queremos ser a geração de argentinos que reinstale a mobilidade social ascendente, mas que também promova a mudança cultural e moral que impõe o respeito às normas e às leis (25 de maio de 2003).

Dominada por uma tensão entre dois passados, o da idealidade social e o da origem do mal, a tópica da refundação organiza esquematicamente a hermenêutica do novo governo: de um lado, define sua identidade política, entendida como a condensação dos desejos de mudança dos cidadãos, mas, acima de tudo, como o último avatar de uma saga patriótica; de outro, define sua alteridade política: o neoliberalismo, sinal da postergação dessa saga patriótica, expressão de interesses alheios aos interesses do conjunto, e responsável como modelo da situação de decadência na qual o governo eleito se encontra¹⁶.

Finalmente, a composição da tópica refundacional inscreve a assunção do novo governo em um campo simbólico de mudança radical, orientado para o futuro pelo horizonte de recuperação de uma cultura nacional, que encontra seu molde nos momentos fortes da saga patriótica. Este espírito de mudança favorece sua representação como um momento de ruptura com o passado imediato, marcado pela experiência neoliberal, e de retomada de uma tradição postergada. Dessa maneira, relata a conjuntura histórica sob um

¹⁶ Ver, sobre este aspecto, Dagatti (2011, 2013).

formato narrativo-descritivo que tenta induzir emoções por via indireta, organizadas em torno da identidade geracional.

Como modelo argumentativo, duas grandes linhas patéticas convergem na articulação da tópica refundacional com o imaginário do novo governo. A primeira dessas linhas expressa um conjunto de valores e sentimentos democráticos e patrióticos que o kirchnerismo extrai de sua leitura da cultura do trabalho (em grande parte associada ao peronismo clássico) e da cultura democrática da militância dos anos setenta: “trabalho”, “esforço”, “honestidade”, “simplicidade”, “orgulho”, “autoestima”, “justiça social”, “solidariedade”, “ascensão social”, “respeito pelas diferenças”, “defesa da liberdade” e “da pluralidade”, “amor”, “carinho”, “entrega”, “sacrifício”, “coragem”. Esta axiologia eufórica se complementa com valores e sentimentos “negativos”, especialmente ligados à memória do passado neoliberal: “dor”, “desespero”, “tristeza”, “vergonha”, “indignação”, “especulação”, “corrupção”, “impunidade”, “egoísmo”.¹⁷

A segunda linha é uma linha “romântica” que liga estreitamente a tópica refundacional com a questão geracional. O sentimento eufórico do “novo” é, nesse sentido, fundamental: originalidade, impugnação da geração anterior, exaltação de uma sociedade guiada por princípios e ideais, ética da convicção, aprendizagem e produtividade da dor, psicologia da insatisfação.¹⁸

Estas duas linhas delimitam os dois gestos fundamentais da refundação como tópica: em um sentido, fornecem ao kirchnerismo o imaginário de ruptura com o passado imediato e sintonizam o espírito de mudança dominante na sociedade argentina pós-crise; em outro sentido, lhe oferecem um *pathos* disfórico em relação ao passado neoliberal e um *pathos* eufórico da tradição nacional, que atua como horizonte tentativo de idealidade social: o novo governo procura – nas palavras de L. Rubinich – a “reconstituição simbólica do pertencimento a um nação” (NATANSON, 2004, p. 100),¹⁹ como

¹⁷ Por razões de espaço, é impossível deter-se nas filiações do kirchnerismo com diferentes tradições e correntes ideológicas, das quais se extrai muitos dos valores e sentimentos que põem em jogo na hora de conseguir adesão política e de buscar antagonismo. Para uma análise detalhada destas questões, ver Dagatti (2011, 2013).

¹⁸ Acerca do componente romântico da formação ideológica do kirchnerismo, as referências são Sarlo (2005) e Vezetti (2009).

¹⁹ Uma postura similar é sustentada por V. Armony (2006), que em sua análise dos discursos presidenciais argentinos fala do poder aglutinante do vocativo “argentinos” e do meta-coletivo

forma de suprir discursivamente a deterioração nacional das principais instâncias de mediação próprias das sociedades modernas (por exemplo, os partidos políticos, os sindicatos etc.).

A tópica nacional e popular, ou de como uma medida econômica se torna uma épica

A análise da “tópica nacional e popular” nos discursos públicos de Kirchner durante o conflito com os setores agropecuários permite demonstrar a relevância da dimensão passional no estabelecimento de um compromisso entre um governo com dificuldades e atores sociais de peso. Como foi dito, a segunda série de discursos foi pronunciada no contexto de uma crise de legitimidade do kirchnerismo, devido aos protestos realizados por um setor referentes às retenções nas exportações. O ex-presidente Néstor Kirchner havia sido sucedido na presidência nacional por sua esposa, Cristina Fernández, que havia assumido o cargo três meses antes do início do mencionado conflito com uma elevada percentagem de imagem positiva. Quando pronuncia os discursos em questão, entre fevereiro e julho de 2008, Kirchner era o brilhante presidente do PJ²⁰.

Mesmo quando estiveram presentes de uma forma relativamente estável desde o primeiro discurso, os motivos que organizaram a representação discursiva da situação poucas vezes foram tão claros como no seguinte trecho:

“Vocês sabem que estamos em um mundo onde os alimentos e o petróleo subiram enormemente [...] Qual é o único elemento para que todos os argentinos possam desfrutar dessa renda extraordinária? O único elemento são as retenções. [...] Assim, para que na mesa dos argentinos não aumentem os preços, nós, o que fez a Presidenta [...] foi colocar as retenções para que os preços internacionais não atinjam a mesa e não aumentem o preço dos alimentos” (2 de julho de 2008).

“Argentina” em uma situação de pós-crise como a que caracteriza os primeiros meses do governo kirchnerista.

²⁰ Esta segunda série de discursos de Néstor Kirchner, como presidente do PJ, foi obtida de forma privada em dezembro de 2011, como resultado de esforços pessoais junto a membros de organizações militantes kirchneristas. Trata-se de transcrições anônimas oferecidas por um informante de confiança. Estas foram cotejadas, na medida do possível, com informações de imprensa. Até este momento, não há uma transcrição oficial e pública desses discursos. O único testemunho midiático são registros audiovisuais dispersos em diferentes canais do YouTube.

No auge do conflito, a explicação de Kirchner apresenta sinteticamente os principais motivos da questão: em uma situação internacional de preços altos (em qual ocasião?), o governo argentino (quem?) redistribui a renda nacional (compromete-se a fazer o quê?) a partir de uma medida fiscal, “os impostos” (por que meio?), de modo que “os preços internacionais não atinjam a mesa dos argentinos” (para quem?). O quadro situacional se completa com os resultados (“cento e tantos dias bloqueio empresarial contra o povo argentino”) e as consequências posteriores (enriquecimento dos sectores agropecuários; pobreza; falta de moradia e desemprego na sociedade argentina):

Observem que se nossa companheira Presidenta, nossa presidenta Cristina, tivesse feito o que fazem muitos líderes políticos na Argentina, resolver algumas situações escondido do povo, com certeza não teríamos sofrido estes cento e tantos dias de bloqueio empresarial contra o povo argentino (2 de julho de 2008).

Reagiram fortemente porque alguns preferiam continuar ganhando ilimitadamente, sem se importar se existem mais pessoas pobres na Argentina, se há mais sem-teto ou se há mais desempregados. Alguns setores são totalmente anti-solidários e tudo o que importa são eles (2 de julho de 2008).

Esta codificação inicial da medida²¹ se encaixa em uma estrutura tópica que “formata” os motivos em termos de uma situação mais complexa: o “bloqueio empresarial” é descrito como a ponta de um iceberg “destituinte”, composto por “setores políticos” e “setores econômicos” que atentam contra a governabilidade. O protesto se torna, então, nesta leitura, uma tentativa de “desestabilização”:

A primeira coisa é que está claro que há setores políticos, setores econômicos que querem frear a mudança, desestabilizar a Argentina. (2 de julho de 2008)

Hoje, posso lhes garantir que eu vim a esta praça para convocar os argentinos desde o campo nacional e popular... e aqueles, olhem bem, que quando eu digo permanentemente que aqui quiseram destituir o governo nacional e popular, o digo com a força da realidade. Hoje estão mostrando a todos os que atuavam no escuro, onde estão, como se mexiam. Hoje começaram a se ver nos jornais, abraçados uns aos outros. Eles eram os que estavam e os que querem desestabilizar o país. (15 de julho de 2008)

²¹ A codificação é também reforçada pelo domínio específico, neste caso o político. Por exemplo, o conjunto de questões que precisam ser postas antes de tomar a decisão de adotar ou rejeitar a medida de interesse geral: É uma medida legal, justa, honrável? É oportuna? Útil? Necessária? Segura? Possível? Fácil? Agradável? Quais são suas consequências prováveis? Ver Maingueneau & Charaudeau (2005, p. 559).

A narrativa do governo apresenta, portanto, uma disputa entre setores “totalmente anti-solidários” e um governo do “campo nacional e popular” que conta com uma trajetória prévia que é evocada como de evidências:

Vocês se lembram de como estava esta Pátria quando nós assumimos no dia 25 de maio de 2003; vocês se lembram dos milhões de argentinos que estavam desempregados, esquecidos pela mão de Deus; vocês se lembram de como era preciso lutar para tentar levantar este país [...] (24 de fevereiro de 2008)

A magnitude desproporcional da reação frente à resolução que o orador procura contra-atacar com um acréscimo acumulativo de motivos (“Vocês se lembram... vocês se lembram...”) não pode ser explicada, aos olhos de Kirchner, se não em termos de uma causa maior latente.

Desestabilização: essa ideia-força organizará os motivos narrativos e estabelecerá uma distinção clara entre o governo e seus oponentes. Como resultado desta cisão, a palavra presidencial definirá seus rivais (os grandes empresários e as corporações do setor agropecuário, a oposição política e os meios de comunicação) e estabelecerá um paradesinatário²² privilegiado: a classe média. Cada uma das seguintes passagens permitirá observar o funcionamento dessas definições:

Trabalhamos lado a lado com todos os produtores [...] os produtores não são nossos inimigos. Temos que estar atentos e ter cuidado é com aqueles pools²³ que especulam a riqueza argentina e que querem enriquecer às custas de todo o povo argentino. (15 de julho de 2008)

Muitos integrantes do que eu chamo hoje de essa oposição que se parece tanto com a União Democrática que conspirou contra Perón, contra Evita e contra a Argentina, foram os responsáveis pela Aliança de 2001 que quebraram, fundiram e abandonaram o país. (23 de maio de 2008)

Reagiram fortemente porque alguns preferiram continuar ganhando ilimitadamente [...] Além disso, obviamente, setores midiáticos interessados tentaram, por outras coisas, por outros temas e por outros interesses, tirar a força do governo. (2 de julho de 2008)

[...] nossa classe média, que foi lamentavelmente instrumentada muitas vezes, tem que perceber que nunca vão encontrar a solidariedade dos setores da

²² Segundo definição de E. Verón, o “paradesinatário” poderia ser identificado com a figura do “indeciso”: “Para o paradesinatário é dirigido tudo o que no discurso político é *da ordem da persuasão*” (1987, p. 17).

²³ A expressão “pools de plantio” faz referência, grosso modo, às grandes empresas agroexportadoras nacionais e internacionais que exploram significativas extensões de terra na Argentina.

oligarquia argentina; mas sim a solidariedade dos trabalhadores, dos intelectuais, dos estudantes, de toda a pátria. (15 de julho de 2008)

Nós queremos dizer, fazer o que dizemos e defender os interesses do povo argentino, defender essa aliança policlassista, defender a Constituição Nacional, que nossa classe média entenda definitivamente que não é para estar do lado dos setores da oligarquia, a classe média tem que estar junto aos empresários nacionais, aos trabalhadores, construindo o campo de apoio, o campo da nação [...] (2 de julho de 2008)

“Pools”, “essa oposição”, “setores midiáticos interessados”; os fragmentos anteriores permitem identificar os diferentes adversários do kirchnerismo. Da mesma forma, deixam entrever uma preocupação em persuadir a “nossa classe média” e em distinguir os grandes “pools” de sempre dos produtores: “os produtores não são nossos inimigos”. Evidenciam, também, quais setores são aqueles cuja força política, de maneira incontestável, representa: “os trabalhadores”, “os intelectuais”, “os estudantes”, “os empresários nacionais”.

O interesse dessas classes, no entanto, não reside tanto nessas identificações funcionais que estabelecem, a não ser na constelação de entidades que Kirchner coloca em jogo como um verdadeiro capital de giro: a especulação e a ganância dos “pools” atenta contra o “povo argentino”; “toda a Pátria”, “o campo da nação” são aqueles que exigem da “classe média” compreensão e compromisso para lutar contra “os setores da oligarquia argentina”; além disso, a “oposição” é um *revival* da “União Democrática que conspirou contra Perón, contra Evita...”. O que se quer fazer notar? Que os diferentes setores a favor do governo e os diferentes setores contra o governo convergem finalmente em torno de uma tópica mais profunda que organiza dois campos ideológicos claramente opostos: o do projeto nacional e popular e o que expressa as elites, o antipovo.

Agora, este paradoxo apresenta uma característica fundamental: por baixo dos “disfarces” de época, confronta essências. Isso explica porque o confronto atual é uma nova ocorrência de uma luta profunda, eterna, atemporal: a entidade governamental é a expressão máxima de um espírito nacional e popular, que foi incorporado oportuna e anteriormente pelos fundadores, por Perón e Eva, pelos jovens militantes dos anos setenta; os grandes empresários agropecuários são a “oligarquia” terratenente, a oposição política é a “União Democrática”. Veja-se, a propósito, dois fragmentos: o primeiro é a repetição, embora mais extensa, de um extrato já

citado; o segundo é um longo relato que demonstra acabadamente os argumentos anteriores:

Vocês se lembram de como estava esta Pátria quando assumimos em 25 de maio de 2003; vocês se lembram dos milhões de argentinos que estavam desempregados, esquecidos pela mão de Deus; vocês se lembram de como era preciso lutar para tentar levantar este país acossado pelo Fundo Monetário Internacional, acossado por suas dívidas e acossado pelos erros daqueles que não estiveram à altura da história e quebraram a Argentina. Mas os argentinos, tendo como coluna vertebral este grande movimento, mas argentinos que talvez não pensem como nós, mas que pensam na Pátria, juntamente conosco, começamos a reconstruir este país, o levantamos e é o sexto ano de crescimento consecutivo. Mas aparecem os de sempre, aqueles que frustraram e geraram 1955; aqueles que geraram 1976; aqueles que infelizmente pensam em nada além de si mesmos e se esquecem que na Argentina não vivem nem 300 nem 400 mil pessoas, mas somos 40 milhões de argentinos que queremos viver e que devemos ter as possibilidades de ser. (24 de abril de 2008)

“Os de sempre” ou, como se pode ver mais abaixo, “muitos deles nem sequer mudaram os colares, são os mesmos”: poucas expressões poderiam sintetizar melhor uma ideia “essencial” do adversário. O atual protesto contra o governo é traduzido como uma tentativa de “desestabilização” na medida em que é, de forma mais geral, codificado como um novo avatar dos golpes militares de 1955 e 1976; ainda mais, a repetição do acionar de um inimigo tão perigoso quanto eterno. Esta operação da essencialização do adversário é complementada por Kirchner com uma semelhante em relação à sua própria identidade:

Nós sabemos, se vocês me permitem caros companheiros e queridos amigos, é importante que esta praça histórica, uma das maiores praças da história da Argentina que vai até a avenida 9 de Julio, que se encheram as várias ruas colaterais e que o povo se convocou para essa assembleia popular, que nós nos lembremos do dia 2 de abril de 1976 como mais um dia nefasto da história quando o chefe da quadrilha de desenlace ou do conselho de desenlace ou da junta de enlace, como dizem, Martínez de Hoz, começava o leilão da República Argentina.

Por isso, com firmeza nas convicções, com firmeza nas ideias... muitos deles nem sequer mudaram os colares, são os mesmos. [...] Hoje, posso lhes garantir que vim a esta praça para convocar os argentinos desde o campo nacional e popular... e aqueles, vejam bem, que quando digo permanentemente que aqui quiseram destituir o governo nacional e popular, o digo com a força da realidade. Hoje estão mostrando a todos os que agiam no escuro, onde estão, como se mexiam. Hoje começaram a se ver nos jornais, abraçados uns aos outros. Eles eram os que estavam e os que querem desestabilizar a Pátria.

Aí estão os que querem manchar as bandeiras de Perón e Evita claudicando com essa oligarquia que perseguiu até o cadáver de Eva Perón; aí estão os que

claudicando e manchando ou querendo manchar a memória de Perón e Evita se abraçam com Rojas e todos aqueles que historicamente foram contra os interesses nacionais e populares. Aí estão, aí os viram. Aconteceu também nas ditaduras e na noite liberal. Por isso, continuemos fortes com as bandeiras e o espaço nacional e popular na aliança policlassista, na convergência de todos os setores da sociedade. (15 de julho de 2008)

A expressão “nacional(ais) e popular(es) “ aparece quatro vezes em poucos parágrafos, sem contar entidades do tipo “assembleia popular” ou “povo”. A abundância não surpreende: funciona como um notório contraponto do tom adversativo do fragmento; uma antinomia traça a fronteira interna entre o campo dos “interesses nacionais e populares” e o campo da “oligarquia”. O horizonte da idealidade social parece tencionado por essa antinomia essencial:

Non há na vida... nós vimos que do nascimento mesmo da pátria com Mariano Moreno, com San Martín, com esse grande herói que é Belgrano, com Hipólito Yrigoyen, com Perón, com Eva Perón, com nossas Avós e nossas Mães da Praça de Maio e nossos 30 mil desaparecidos, nossos fuzilados vimos o que vem acontecendo paulatinamente cada vez que se quis gerar um país equilibrado. Mas eu, do Chaco, chamo a todos, mesmo aqueles que neste momento circunstancialmente não pensam como nós, que saibamos resolver qualquer diferença de visão/país que tenhamos, aqueles que para nós pensam o país como pequenino e de poucos e nós que tentamos pensar na diversidade, com erros, mas com muito amor, no país grande e para todos [...] (1 de julho de 2008)

A tópica organiza assim uma “sociomaquia”²⁴ que contrapõe essencialmente os humores das elites e o povo da “pátria”: “o espaço nacional e popular” e “todos aqueles que historicamente estiveram contra os interesses nacionais e populares”.

Com esse horizonte hermenêutico, a tópica encontra seu ponto de referência na antinomia peronismo/antiperonismo. Não parece improvável que a exacerbação da faceta popular da identidade kirchnerista (quando em comparação, por exemplo, com a tópica da reconstrução) seja paralela à identificação dos adversários como expoentes da “oligarquia” argentina; mas não há dúvidas que o sentido pleno da interpretação do conflito por causa das retenções está ancorado na saga histórica de confrontos entre o peronismo,

²⁴ De acordo com M. Angenot, as “sociomaquias” (*sociomachies*) são narrativas que “representam a sociedade como o confronto entre dois campos, em um maniqueísmo de combate” (2001, p. 84). Trata-se de uma “luta perpétua entre dois princípios, um bom e um mau”, “luta que não deve acabar mais do que na vitória total e implacável do bom campo”, “luta entre o Passado e o Porvir, luta inscrita sobre o vetor do progresso da humanidade” (2001, p. 10).

entendido como ápice do movimento nacional e popular, e o antiperonismo, entendido como um conglomerado de forças autoritárias e golpistas: por um lado, as referências mais ou menos explícitas ao peronismo: “os argentinos, tendo como coluna vertebral este grande movimento”, “os interesses nacionais e populares”, “a aliança policlassista”²⁵; por outro lado, o antiperonismo e seu ânimo ditatorial: “os de sempre, aqueles que frustraram e geraram 1955; aqueles que geraram 1976”²⁶, “lembramos do dia 2 de abril de 1976...”, “os que querem manchar as bandeiras de Perón e Evita claudicando com essa oligarquia que perseguiu até o cadáver de Eva Perón”.

Povo versus oligarquia, peronismo versus antiperonismo; esta segunda tópica estabelece uma fronteira interna do social ao mesmo tempo em que apaga o tempo: uma medida impositiva adquire a dimensão de uma nova batalha entre duas essências, os interesses majoritários e os interesses das elites. Para isso, a identificação do conflito presente com conflitos anteriores é fundamental:

Falam de democracia e cortam as ruas; falam de democracia e desabastecem os argentinos; falam de democracia e queimam os nossos campos; falam de democracia e, ouçam bem isso, por favor, como nos piores momentos de 1955 e 1976, saem como comando civis ou forças-tarefa para agredir aqueles que não pensam como eles de forma vergonhosa. (15 de julho de 2008)

Quando se conectam os nomes, os anos e as nomeações, é evidente que a reedição do passado é uma chave do presente: “Rojas”²⁷, “Martínez de Hoz”, “1955”, “1976”, “comandos civis”, “forças-tarefa”, “União Democrática”; as palavras evocam um modo de definir os conflitos que oferecem aos argentinos a vantagem da familiaridade, da interpretação já conhecida e estabilizada. A esquematização tópica do conflito homologa a crise do governo kirchnerista com outras crises significativas da história política na Argentina, apelando a um universo de emoções ligado a experiências políticas anteriores de nosso país:

²⁵ A noção de “aliança policlassista” é um velho tópico do discurso peronista, que sugere o acordo necessário entre capital, classe média e trabalho para a boa convivência social.

²⁶ Não devemos esquecer que as duas referências temporais (1955, 1976) lembram os dois golpes cívico militares a governos peronistas. Na Argentina, no entanto, a lista dos golpes ditatoriais é extensa, e a maioria foi realizada contra governos de filiação radical: golpe a H. Yrigoyen em 1930, golpe a A. Frondizi em 1961, golpe a A. Illia em 1966.

²⁷ Isaac Rojas foi um oficial da Marinha argentina. Dirigiu, com Eduardo Lonardi, o golpe de Estado, chamado a “Revolução Libertadora”, contra o governo de Juan Perón em setembro de 1955. Já José Alfredo Martínez de Hoz foi o ministro de Economia da última ditadura militar. É considerado um símbolo da instauração do neoliberalismo na Argentina. Além disso, sua figura está fortemente associada aos proprietários de terra, já que era descendente de uma família de fazendeiros, presidentes da Sociedade Rural Argentina.

experiências que já haviam sido interpretadas como experiências de postergação do povo, de destruição da classe média e de benefício das elites dominantes. Como se depreende da análise retórico-argumentativa, a narração e a descrição dessa segunda instância são, portanto, uma via indireta de disposição emotiva no discurso kirchnerista.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo geral investigar a relevância da dimensão passional na formação das subjetividades políticas na Argentina contemporânea. De todas as abordagens possíveis na perspectiva de investigação escolhida, optou-se por realizar um estudo da tópica das paixões. Para isso, o artigo escolheu como caso os discursos públicos do ex-presidente Kirchner durante a última década. O *corpus* foi o resultado da seleção de duas séries discursivas de dois momentos centrais da construção de legitimidade do kirchnerismo como uma força política.

A análise dos discursos nos permitiu observar uma variação no funcionamento dos dispositivos de emoção, a partir da utilização de duas tópicas das paixões diferentes. A primeira foi chamada de “tópica da refundação”; a segunda, “tópica nacional e popular”. Como corolário desta análise, os resultados preliminares indicam que a “tópica da refundação”, própria de um momento inaugural, realizava uma oposição entre o neoliberalismo e o capitalismo nacional, procurando persuadir os argentinos dos benefícios do novo projeto governamental, tomando por referência uma idealidade social cujos valores provinham da defesa de uma identidade nacional e de uma democracia baseada no pluralismo, nas liberdades e nos interesses populares.

Com uma acentuada torção com relação à primeira, a “tópica nacional e popular” opunha os interesses do povo aos interesses das elites, construindo uma sociomaquia que dividia dois campos essencialmente irreconciliáveis. Nesse sentido, propunha uma ruptura interna do social e se articulava em um processo crescente de antagonismo, reforçado por uma organização binária das emoções, um perfil confrontativo do líder como militante político da causa nacional e popular e uma atualização da antinomia peronismo/antiperonismo. O peronismo, neste contexto, era invocado em nome do povo como

DAGATTI, Mariano. *Pathos e política na argentina kirchnerista: contribuição para o estudo das emoções nos discursos políticos*. Trad. Tainá Almeida Alves Martins. Rev. Trad. Raquel da Silva Ortega. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 64-88, jun.2014.

reafirmação institucional e organizacional da luta popular. A presidência de Kirchner no Partido Justicialista requeria singular importância a este respeito.

O uso de diferentes tópicos das paixões, em suma, não é irrelevante quando se pensa a construção das diferentes posições subjetivas dos atores sociais. Torna-se claro que as emoções são decisivas na construção de legitimidade política, trazendo à tona conflitos históricos, mudanças sempre novas e memórias coletivas latentes. Identidade, alteridade, tradições formam um triângulo patético que busca garantir os horizontes de idealidade social, oferecer familiaridade, empatia e antagonismo na disputa pela hegemonia política.

Referências

ABOY CARLÉS, Gerardo. **Las dos fronteras de la democracia argentina**. Rosario: Homo Sapiens, 2001.

AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2000.

AMOSSY, Ruth. Nouvelle Rhétorique et linguistique du discours. In: KOREN, Rosalyne; AMOSSY, Ruth (comps.): **Après Perelman. Quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques?** L'argumentation dans les sciences du langage. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 153-172.

ANGENOT, Marc. **L'ennemi du peuple**. Représentation du bourgeois dans le discours socialiste, 1830-1917. Montreal: McGill University, 2001.

ARISTÓTELES. **El arte de la retórica**. Bueno Aires: Eudeba, 2005.

ARMONY, Víctor. Cuando el Presidente le habla a la Nación. **Revista Debate**, Argentina, p. 36-39, 2006.

ARONSKIND, Ricardo; VOMMARO, Gabriel. **Campos de batalla**. Las rutas, los medios y las plazas en el nuevo conflicto agrario. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

BERISTÁIN, Helena. **Diccionario de retórica y poética**. México: Porrúa, 1995.

BITONTE, María Elena. Ni unidos ni dominados, sencillamente, sordos. Algunas peculiaridades de la retórica de Cristina Fernández. In: Congreso Regional de la Cátedra UNESCO en Lectura y Escritura: Cultura Escrita y Políticas Pedagógicas en las Sociedades Latinoamericanas Actuales, 2010, Buenos Aires. **Libro de Actas**. Buenos Aires: UNGS, 2010. p. 346-358. Disponível em <http://www.ungs.edu.ar/ms_idh/wp-content/uploads/2011/11/Libro-de-Actas1.pdf>. Acesso em: fev. 2013.

DAGATTI, Mariano. *Pathos e política na argentina kirchnerista: contribuição para o estudo das emoções nos discursos políticos*. Trad. Tainá Almeida Alves Martins. Rev. Trad. Raquel da Silva Ortega. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 64-88, jun.2014.

BOTANA, Natalio. **Poder y Hegemonía**. El régimen político después de la crisis. Buenos Aires: Emecé, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Pathos et discours politique. In: RINN, Michael (Org.). **Émotions et discours**. L'usage des passions dans la langue. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2008.

_____. Reflexiones para el análisis del discurso populista. **Revista Discurso & Sociedad**, v. 3, n. 2, p. 253-279, 2009.

_____; MAINGUENEAU, Dominique (Dir.). **Diccionario de análisis del discurso**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

CICERÓN, Marco Tulio. **El orador**. Madrid: Alianza, 1991.

DAGATTI, Mariano. Ethos presidencial, imaginarios nacionales e incorporación política: cultura del trabajo, militancia y racionalidad gubernamental en los discursos públicos de Néstor Kirchner. In: MELLO, Renato de; SOUZA, Wander Emediato; MACHADO, Ida Lúcia (Org.): **Discursos da América Latina: vozes, sentidos e identidades**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

_____. The Justicialist Rhetoric of Néstor Kirchner. In: SALAZAR, Philippe-Joseph; VITALE, María Alejandra (Ed.). **Rhetoric in South America**. Ciudad del Cabo: Africa Rhetoric Publishing, 2013. p. 137-148.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**. A construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-56.

_____. La producción de emociones en el discurso político: Las técnicas retóricas de Bush y Obama. **Revista Versión [en línea]**, Xochimilco, n. 26, jun. 2011. Disponible em: <http://version.xoc.uam.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=9>. Acesso em: fev. 2013.

GENETTE, Gérard. La retórica restringida. In: **AAVV. Investigaciones retóricas II**. Barcelona: Ediciones Buenos Aires, 1970.

GIARRACCA, Norma; TEUBAL, Miguel (Coord.). **Del paro agrario a las elecciones de 2009**. Tramas, reflexiones y debates. Buenos Aires: Antropofagia, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas de enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAIZELS, Ana. Negación, 'otras voces' y ethos. Un análisis de los discursos de campaña política de Cristina Fernández de Kirchner (2007). **Revista RILL Nueva época**, v.17, n. 1/2, UNT, 2012.

MEYER, Michel. **La rhétorique**. Paris: PUF, 2009.

DAGATTI, Mariano. *Pathos e política na argentina kirchnerista: contribuição para o estudo das emoções nos discursos políticos*. Trad. Tainá Almeida Alves Martins. Rev. Trad. Raquel da Silva Ortega. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 64-88, jun.2014.

MONTERO, Ana Soledad. “**Y al final un día volvimos!**” Los usos de la memoria en el discurso kirchnerista (2003-2007). Buenos Aires: Prometeo, 2012.

NATANSON, José. **El presidente inesperado**. Rosario: Homo Sapiens, 2004.

PLANTIN, Christian. **Les bonnes raisons des émotions. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné**. Berna: Peter Lang, 2011.

QUINTILIANO, Fabio. **Instituciones oratorias**. Madrid: Hernando, 1942.

RINN, Michael. **Émotions et discours**. L'usage des passions dans la langue. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

ROMANO, María Belén. La construcción del ethos en el discurso inaugural del Cristina F. de Kirchner. **Revista Forma y Función**, Santa Fe de Bogotá, v. 23, n. 2, 2010.

ROSANVALLON, Pierre. **La contrademocracia**. Buenos Aires: Manantial, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tiempo presente**: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

VERÓN, Eliseo. La palabra adversativa. Observaciones sobre la enunciación política. In: VERÓN, Eliseo et al. **El discurso político**. Lenguajes y acontecimientos. Buenos Aires: Hachette, 1987. p. 11-26.

VEZETTI, Hugo. **Sobre la violencia revolucionaria**. Memorias y olvidos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

VITALE, María A. Êthos y legitimación política en los discursos de asunción de la presidente argentina Cristina Fernández de Kirchner. **Revista Icono 14**, v. 11, n. 1, p. 5-25, 2013.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Sonhando a Pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993. p. 127-149.

Tradução:

Tainá Almeida Alves Martins

Mestranda pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: nahalmeida@hotmail.com

Revisão da tradução:

Raquel da Silva Ortega

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

E-mail: raquelsortega@gmail.com